

Infecções por bactérias hospitalares baixam 20%

RICARDO DUARTE FREITAS
rfreitas@dnoticias.pt

As infecções por bactérias hospitalares multirresistentes baixaram 20% no último ano. Uma “redução significativa”, conforme assinalou Margarida Câmara, coordenadora do Programa de Prevenção e Controlo de Infecção e Resistência aos Antimicrobianos (PPCIRA) no Serviço de Saúde da Região (SESARAM). A utilização mais racional de antibióticos e o programa de controlo e prevenção que está em curso explicam esta diminuição e estão a contribuir para que a taxa de infecção se mantenha em zero nos últimos meses.

A médica intensivista, responsável também pela utilização racional de antibióticos em todo o sistema de Saúde, envolvendo os hospitais e os 52 centros de saúde e a rede regional de cuidados continuados, sabe que “não há país nenhum do mundo com taxa zero de MRSA”, dado o elevado risco de haver infecções em doentes com o sistema imunitário debilitado e que são submetidos às diversas intervenções invasivas.

O MRSA (*Staphylococcus Aureus* Resistente a Meticilina) é uma das bactérias multirresistentes mais comuns no meio hospitalar. Em 2014, a taxa de infecção no SESARAM era 54%. Este ano baixou para 34%.

“É uma descida muito significativa que se prende com esta medida de utilização mais racional de antibióticos, também com uma melhoria do isolamento dos doentes e daquilo que nós fazemos para protegê-los quanto submetemos a intervenções, nomeadamente invasivas ou simplesmente a administração de medicação”, explicou Margarida Câmara.

O SESARAM foi um de 12 hospitais portugueses seleccionados em 2015 pela Fundação Calouste Gulbenkian para o projecto ‘STOP Infecção Hospitalar!’ - o mesmo que tinha encomendado, há quatro anos,



Margarida Câmara lidera o Programa de Prevenção de Infecção e Resistência aos Antimicrobianos. FOTO HÉLDER SANTOS

um relatório para avaliar a Saúde no país.

As infecções associadas aos cuidados de saúde foi um dos três pontos mais preocupantes que foram apontados pelas administrações hospitalares. O investimento do projecto foi então canalizado para esse fim. O Hospital do Funchal, que ficou em 4.º lugar na lista de 12 eleitos entre um total de 32 candidatos ao fundo da Fundação em parceria com a Institute for Health Care Improvement, tem vindo a beneficiar do apoio de profissionais especializados na implementação de processos de melhoria da qualidade em hospitais nos EUA e Reino Unido - tidos como referências internacionais pela baixas taxas de infecções que mantêm.

O processo de melhoria de qualidade foi implementado desde o ano passado em quatro serviços do Hos-

USO RACIONAL DE ANTIBIÓTICOS E PLANO DE PREVENÇÃO TRAVAM ‘MULTIRRESISTENTES’

pital Dr. Nélcio Mendonça: Cuidados Intensivos, Medicina Interna, Cirurgia Geral e Ortopedia. O objectivo é, nos próximos três anos, reduzir para metade a taxa das infecções associadas aos cuidados de saúde.

Na Unidade de Cuidados Intensivos do Hospital do Funchal estão a ser monitorizados quatro tipos de infecção: pneumonia associada à intubação, infecções no local cirúrgico, infecções da corrente sanguínea e infecção do tracto urinário (estas últimas bacterianas associadas à uti-

lização de cateter).

“Tudo o que é feito é monitorizado, desde a colocação, o que usou para colocar, se cumpriu o barrete, a bata, a máscara, se desinfectou as mãos antes e depois”, explicou o inventário de procedimentos higienosanitários que passaram a ser obrigatoriamente reportados informativamente por cada profissional de saúde no programa ‘STOP Infecção Hospitalar!’.

“Já começamos a ter bons resultados que têm animado as equipas de cada um dos serviços que trabalham neste projecto”, salientou Margarida Câmara. As zero infecções em meio hospitalar nos últimos meses são disso exemplo.

Pneumonia por intubação acima da média nacional preocupa

De acordo com Margarida Câmara, do ponto de vista de resistências, a

HOSPITAL EM OBRAS: “ISSO SÃO MITOS”

■ As obras no hospital têm sido apontadas muitas vezes como causa das infecções de doentes por bactérias multirresistentes. Uma tese que não faz sentido para a coordenadora do PPCIRA. “Tem a ver com a adesão aos bons comportamentos como a lavagem adequada das mãos nos momentos certos”, apontou. Margarida Câmara explica que as infecções no meio hospitalar previnem-se através de precauções básicas de controlo que, no fundo, têm a ver com o isolamento de doentes do ponto de vista dos revestimentos, protecção individual, higiene das mãos, limpeza ambiental e lavagem das superfícies com sabão e lixívia. “O que é mais eficaz é isso. Não é o facto de termos um hospital novo ou em obras. Isso são mitos. Obviamente que um hospital em obras precisa de maior número de limpezas do que aquilo que habitualmente seria necessário”, sustentou a médica. A mortalidade associada à presença de infecções da corrente sanguínea, por exemplo, pode ir até 40%. “O problema é que não sei se a mortalidade se deve à infecção ou se a condição de base que o doente tinha contribuiu para a morte”, esclareceu Margarida Câmara, questionada sobre a taxa de mortalidade por bactérias hospitalares na Madeira.

Madeira tinha taxas de MRSA inferiores às nacionais quando o SESARAM se candidatou a este projecto. As infecções da corrente sanguínea e do trato urinário são praticamente nulos. As pneumonias associadas à intubação são os que suscitam maior preocupação. Ao contrário dos outros indicadores, o SESARAM apresentou, em 2015, um valor superior à nacional: 9,26 casos por mil dias de intubação.

Numa primeira fase, os dados estão disponíveis para a instituição mas brevemente serão disponibilizados ao público, como vai acontecer ao longo da semana que hoje se inicia, dedicada à prevenção e controlo da infecção e resistência aos antimicrobianos.

“Um dos objectivos deste projecto no fundo é a transparência, é mostrar ao cidadão qual é o risco que os doentes têm e dar a escolher em que serviços querem se tratar”, referiu.

“Tudo isto é muito centrado no doente, fazemos as coisas à luz da melhor da ‘legis artis’ mas com o mínimo de risco e de complicações, porque ninguém quer entrar aqui nos cuidados intensivos com um determinado diagnóstico e sair com um relacionado com uma infecção”, admitiu a médica de Medicina Intensiva.

Prescrever menos para baixar resistências

O SESARAM tem conseguido manter uma flora relativamente sensível à maior parte dos antibióticos. A prescrição de antibióticos, em especial os carbapenems, foi reduzida em cerca de 20%, o que representa ganhos de eficiência para o hospital e para os doentes. “Isso no fundo é o resultado daqui-

lo que tem sido feito ao longo dos últimos anos no âmbito da utilização mais criteriosa de antibióticos”, sintetiza Margarida Câmara. Em 2008, o SESARAM iniciou um projecto ao nível da comissão de farmácia e terapêutica através da emissão de recomendações para reduzir a prescrição de antibióti-

cos. Começou no Serviço de Urgência mas foi depois alargado a outros serviços do hospital. “No fundo nós tentávamos ajudar a escolher a melhor opção terapêutica no sentido de otimizar, melhorar a eficácia e reduzir complicações nomeadamente resistências”, explicou. Assim surgiu o Programa de As-

sistência à Prescrição Antimicrobiana (PAPA), hoje mantido por um grupo de médicos de Pediatria e de Medicina Interna. “Com todo este trabalho tem sido possível manter uma resistência baixa à maior parte dos antibióticos”, prevenindo também as infecções no meio hospitalar.

ANTIBIÓTICOS



www.dnoticias.pt
PORQUE HÁ DOENTES
INFECTADOS POR BACTÉRIAS
HOSPITALARES?